

10. Nós cremos que Jesus Cristo tomou sobre Si as nossas enfermidades. "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, unguindo-o com azeite em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados". (Mateus 8:17; Tiago 5:14-15)

Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças. Mateus 8:17.

Cura divina e unção: o Senhor é aquele que cura (Sl 103:3; Êx 15:26). Na promessa messiânica havia provisão para sanar a integridade humana (Jr 30:17), conforme esse verso acima de Mateus 8:14-17 cita Isaías 53. Isso foi cumprido por Cristo em seu ministério terreno. Jesus iniciou seu ministério lendo na sinagoga "O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor." (Lc 4:18-19). Nessa passagem, leu Isaías 61. Por fim, na obra expiatória de Cristo, o homem de dores, fomos sarados dos males corporais e espirituais. (Is 53:3-5; 1 Pe 2:24).

A cura do corpo é um alívio temporário, pois temos de passar pela morte. Mas é um sinal que antecede como seremos transformados em glória na ressurreição, quando não mais estaremos sujeitos à doença ou à dor (Rm 8:23; Fp 3:20-21). Cristo inaugurou seu Reino e em breve virá com toda sua glória.

A cura do corpo não exclui uso de recursos materiais (Mc 8:22-26; Cf. 2 Re 5:1-19) ou de cumprir as obrigações do enfermo (Mt 8:4). Quando a cura não acontece como esperada não é por castigo, falta de fé ou porque Deus não atentou. Somos ainda participantes das aflições do tempo presente (Rm 8:18). Por vezes aperfeiçoamos a fé ao enfrentarmos os sofrimentos (1 Pe 1:3-9).

Como na injunção de Tiago 5:14-15, a unção são aos que já estão na Igreja. Em Atos dos Apóstolos vimos a continuidade do ministério de cuidado dos seguidores de Jesus, os quais já utilizam o óleo – símbolo da separação e preparação dos reis, sacerdotes e profetas – para o exercício da fé (Mc 6:13; 1 Co 12:9). Contudo, não é o azeite, a oração, quem unge ou o ato que sara, mas o efeito vem da "oração da fé". É momento de reconciliação e perdão de pecados.

Esses dois versos são importantes porque inferem sobre a Igreja, o dever de cuidado daqueles em necessidade (no caso, enfermos) e a ministração (serviço) por servos designados.

Igreja: para cumprir o dever de cuidado, Jesus inaugurou o Reino deixando sua Igreja como testemunha veraz de seus ensinamentos e obedecendo seus mandamentos (Mt 28:18-20).

Dentre as várias palavras gregas para diversos tipos de reunião, o Novo Testamento usa *ekklesia*. Era a reunião convocada e revestida de poder deliberativo. Desse modo, a Igreja é o santo ajuntamento dos convocados para fora de um mundo do pecado para, feitas novas criaturas em Cristo, identificarem com sua morte no batismo e serem regeneradas pelo poder do Espírito Santo.

A Igreja é um ajuntamento humano e, portanto, humanamente sujeita a erro – composta por pessoas simultaneamente justificadas e pecadoras. Entretanto, a Igreja também é divina. Jesus é a cabeça da Igreja, a qual é seu corpo (Ef 1:22-23; Cl 1:18, 24). O Espírito Santo guia-a em toda a verdade (João 16:13) O amor de Deus entre seus membros une-os com perfeição (Cl 3:14).

Cristo amou e morreu pela Igreja. Comprou-a com seu sangue (Ef 5:25; At 20:28); por isso, as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela (Mt 16:18), continuando com sua presença até o fim. A Igreja consiste naqueles inscritos no céu (Hb 12:22-23); portanto, sem se confundir com as organizações humanas, por mais úteis que sejam para edificação mútua e cumprimento da Grande Comissão.

A Igreja é peregrina e forasteira, cuja cidade é celestial (Fp 3:20). Ela reconhece a sujeição às autoridades. (1Pe 2:13). Contudo, mantém sua obediência primária para com Deus. (Jo 18:36; Rm 13:1-5; Hb 11:13), especialmente na proclamação do evangelho de Cristo (At 5:21-32), pelo qual ela está pronta a padecer (Fp 1:29).

Não há hierarquia na Igreja, pois todos já nascidos de Deus integram esse corpo (Mc 23:8; Mt 23:11; Jo 1:12-13; Gl 3:26).

Pelos motivos acima, a Igreja não tem outro cabeça senão Cristo. Tampouco é controlada pelo Estado ou por uma cúpula, nem quer controlar o Estado (Mc 12:13-17; Mt 22:15-22; Lc 20:20-26) ou a consciência alheia (Rm 14:7). Por isso, os verdadeiros discípulos permanecem na palavra de Cristo: constituem uma Igreja livre e voluntária, pois foi liberta (1 Pe 2:16; Cl 2:8; Gl 5:13; Jo 8:36).

Serviço: ministrar significa servir, sendo competência e dever de toda a Igreja (Mt 28:18-20). Não há outro mediador senão Cristo (1 Tm 2:5), sendo todos os crentes um povo santo, sacerdócio real, para proclamarmos os grandes feitos de Deus (1 Pe 2:9). Portanto, todo crente é um sacerdote junto a Deus. Cristo entregou sua vida para libertar do pecado, purificar e fazer de seu povo inteiramente dedicado às boas obras. (Tt 2:14).

As boas obras são frutos da obra de salvação operada e não geram créditos ou méritos pessoais. Do mesmo modo que os presbíteros são chamados para dar conforto espiritual aos materialmente doentes na união, as boas obras beneficiam nossos próximos. A fé viva que salva gera boas obras e o serviço cristão (Tg 1-2).

O grande ensino sobre o serviço cristão encontra-se em Mt 5-7: o sermão da montanha. É importante familiarizar-se com essa passagem e buscar cumpri-la no dia-a-dia. O serviço cristão vai desde dar um copo d'água (Mc 9:41) até morrer por alguém (Jo 15:13). Outros serviços incluem fazer além do que é pedido para atender uma necessidade (Mt 5:41), providenciar a hospitalidade (Hb 13:2), prover os necessitados (Mt 25:35), ter um autocontrole, ensinar o que é bom. Tudo que os cristãos fizerem deve refletir a integridade e a seriedade de sua fé. (Tt 2:2-8). "A religião pura e verdadeira aos olhos de Deus, o Pai, é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo". (Tg 1:27).

O serviço cristão implica em dispor de recursos para suprir necessidades (2 Cor 9). Ainda que não haja sob a graça uma classe sacerdotal ou levítica para receber e gerir dízimos, que "cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria" (2 Cor 9:7). Quem serve é legítimo receber amparo para isso, do mesmo modo que não pode ter expectativas de ganhos com o serviço cristão (Mt 10:8; Lc 8:1-3; 2 Ts 3:7-9). Tal como Paulo fazia tendas para se manter em sua missão, a liberalidade no serviço permite proclamar o evangelho sem impedimentos (1 Tes 2:9; At 28:30-31).

Ministros: apesar de sua universalidade a todos os crentes, há diferenças funcionais na ministração. Depois de dizer que todos pertencem igualmente ao corpo de Cristo, mas exercem funções distintas (Rm 12:4-5), Paulo elenca uma lista de dons (dádivas, *charisma*) beneficiam a Igreja (Rm 12:6-8): profecia, ministério (serviço), ensino, encorajamento (exortação), oferta, liderança e exercício da misericórdia. Outras listas incluem os dons de apostolado, profecia, evangelização, pastoreio e ensino (Ef 4:11), ou ainda produzir milagres, cura, assistência, administração, falar e interpretar línguas (1 Co 12:8-10).

Sendo dádivas de Deus no serviço da Igreja, somente o Espírito Santo constitui os ministros, sendo reconhecidos pela Igreja por seus dons (cf. At 13:2-4; 20:28; Ef 4:11-13; 2 Co 8:19).

Estes dons prepararam o povo de Deus para servir, e assim fortalecer o corpo de Cristo, mantendo unidos na mesma fé e no mesmo conhecimento a respeito de Deus. Desse modo, há um amadurecimento e crescimento espiritual.

Como forma de público reconhecimento há os dois ofícios ministeriais explícitos e permanentes de presbitério e diaconia, para os quais há a ordenação (apontamento) (At 6:1-6; 14:23; Tt 1:5; 2 Co 8:19), conforme as qualificações bíblicas (1 Tm 3:1-16, Tt 1:5-9).

Presbítero e bispo vêm do grego e significam, respectivamente "idoso" e "supervisor". Na Igreja primitiva era o mesmo ofício e pode ser traduzido como ancião, termo neolatino e hoje com a mesma conotação que presbítero.

O ofício de ancião era exercido coletivamente e sobre uma igreja local. (At 11:29,30; 14:23; 15:4; 20:17,28; 1 Tim 3:1-2; 4:14; Tt 1:5,17; 1 Pe 5:1-3; Tg 5:14). Compete dedicar-se ao ministério da palavra (At 6:2-4). Devendo estar pronto para redarguir, repreender e exortar (2 Tim. 4:2; Tt 1:13; 2:15), exortando o povo na sã doutrina e convencendo os contradizentes. (Tt 1:9). Deve-se buscar crescer em conhecimento para responder com mansidão e temor a razão da esperança cristã (1 Pe 3:15).

Diaconia (e o ofício de diácono e diaconisa), em grego *diakonos*, significa servo ou ministro, aplicado às suas atividades respectivas de serviço ou ministério. Aparece nesses sentidos em Mt 23:11; Jo 12:26; Mc 10:43; 1 Co 3:5; 1 Ts 3:2; Rm 16:1. Como um ofício distinto de ministros, os diáconos foram escolhidos pelo povo (At 6:6) com qualificações especiais (1 Tm 3:18-13). Segundo os registros do Novo Testamento, podemos inferir que nesse ofício cuidavam das reuniões, distribuía os elementos na Santa Ceia, assistiam os necessitados, evangelizavam e batizavam os novos convertidos.

Além desses ofícios, o Novo Testamento registra as atividades de outros colaboradores que cooperaram para o avanço do Reino. Essas funções incluem desde companheiros de viagens até amanuenses. Ao cooperar, fazer o bem e ajudar o necessitado, muitos creem no Senhor (At 9:36-42).

Apesar de haver esses servos com suas responsabilidades, não constituem uma classe sacerdotal distinta. Assim, todos os membros da igreja podem ser tratados como "irmã" ou "irmão", sem necessidade títulos honoríficos (Mt 23:7-8).